

Duelo de titãs no Demolicar

Wesley Cordaço

É dia de festa. Crianças, jovens e idosos serão protagonistas da maior prova de destruição de carros da cidade, o Demolicar.

Os espectadores vão tomando lugar na arquibancada. Nos boxes as máquinas recebem a última inspeção dos mecânicos. As pessoas acompanham cada detalhe, cada aperto de parafuso, cada troca de pneu.

As equipes fazem churrasco próximo aos veículos, dão risada e brincam com outras equipes, como uma grande família.

O ronco dos motores anuncia que está na hora do duelo. A amizade é deixada de lado. Agora é hora de guerra. O “pega” vai começar. A arquibancada está tomada; já não se encontra lugar para acomodação. Os olhos atentos reparam cada lance, cada novidade. A música faz tremer as estruturas metálicas, enquanto a pista é molhada por um caminhão pipa e se transforma em uma grande arena enlameada.

A criança na arquibancada toma refrigerante sob o sol escaldante. É tanto calor que o velhinho abre o guarda-sol.

O narrador inicia a locução, enquanto uma gaiola entra na arena jogando barro para todo lado. Os seguranças limpam a camiseta tomada pelos respingos.

O som ambiente faz uma pausa. De um Fusca azul que nem entra na arena ecoa uma *black music* que anima os mais jovens.

No palco, o técnico prepara o som e o narrador bebe o último gole de água antes da primeira bateria. A adrenalina toma conta da multidão, que vê os carros se alinhando para entrar na arena.

Ao som de uma buzina começa a prova, São mais de vinte carros se chocando uns aos outros. Alguns escorregam na lama e vão parar na barreira de contenção. É batida para todo lado. Em pouco tempo de prova alguns veículos param sem nenhuma perspectiva de retorno.

São tantas colisões que o narrador não consegue mencionar todas. Alguns detalhes passam despercebidos e outros chamam atenção dos espectadores que estão atentos.

No camarote há torcidas para todas as equipes, que gritam e se entristecem com o carro eventualmente detonado e prestes a parar.

Tem veículo que mais parece trator sem direção: sobe em cima de outro e vai batendo até parar na barreira de contenção. Na arquibancada uma criança agita os braços como se torcesse pelo gol de seu time.

Um Chevette amarelo, que mais parece uma lata velha, duela com um Opala vermelho. Os carros perseguem um ao outro, e brincam de esconde-esconde entre os veículos parados. Os pilotos tomam cuidado com o radiador. A colisão frontal pode ser fatal, e a pilotagem acontece na maioria das vezes de marcha ré para não haver risco.

“Vai, vai!”, grita a moça. “Pega, vai, pega!” diz o homem. E lá vão eles. A batida acontece e os carros ficam presos um ao outro. O Chevette é empurrado contra a proteção, o Opala parece estar sem forças. Após cerca de 25 minutos de combate, o Chevette campeão desfila na arena: o carro resistiu ao combate e a galera vai ao delírio. Há festa na arquibancada e tristeza nos boxes.

O narrador anuncia mais uma bateria para as próximas horas. É hora do lanche e da cerveja gelada para os sedentos de adrenalina.